

“O FILHO, QUE NÃO FEITO, FAZ-SE POR SI MESMO”¹ UMA ANÁLISE DO ROMANCE DOIS IRMÃOS, DE MILTON HATOUM

Leonardo Barbosa de OLIVEIRA
Orientadora: Profa. Dra. Daniela Birman

Resumo: Este trabalho analisa o romance *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, buscando compreender a construção dos personagens Yaqub e Omar sob a perspectiva de Nael, o narrador. Filho de uma criada e de um dos homens da família central da narrativa, ele incorpora as histórias e informações que lhe são relatadas às experiências que presencia, de forma que, anos mais tarde, revisita e reconstrói o passado. É neste momento que diversas considerações sobre os irmãos – na tentativa de encontrar respostas ou conformar-se com elas – emergem no texto. Para realizar a análise proposta, foram retomados trabalhos que versam sobre a busca da própria identidade por Nael e textos que tratam da relação entre os irmãos. Posto em diálogo com trechos do romance, esse material permitiu algumas considerações acerca do lugar que os gêmeos, anos depois, ocupam na história pessoal do narrador.

Palavras-chave: literatura brasileira; literatura contemporânea; Dois irmãos; Milton Hatoum;

“Tinham o mesmo rosto anguloso, os mesmos olhos castanhos e graúdos, o mesmo cabelo ondulado e preto, a mesmíssima altura”². A descrição dos gêmeos Yaqub e Omar, uma das primeiras contidas no romance *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, parece apresentar indivíduos que são facilmente confundidos, dada a semelhança, e que, compartilhando tantos caracteres comuns, poderiam estabelecer um vínculo de cumplicidade fraternal. Para o leitor, no entanto, a pergunta da mãe, à beira da morte: ““Meus filhos já fizeram as pazes?””³ – reportada antes mesmo da descrição acima –, já deixa claro que não é esse tipo romantizado de relação que se estabelece entre os gêmeos dessa história.

A narração cabe a Nael, personagem que sabe ser filho bastardo de um dos homens da família, mas não de qual deles, e que testemunha os acontecimentos ou narra a partir daquilo que lhe foi contado por Domingas, sua mãe, e Halim, pai dos gêmeos (e, na leitura de Daniela Birman⁴, também um de seus possíveis pais). Elias Vidal Filho aponta que, na ânsia por respostas sobre sua paternidade,

Justamente sua realidade bastarda é que o configura como o maior dependente da resolução dessas questões. Por isso, entre outros motivos, é ele quem organiza o caos da família, dos testemunhos presentificados em sua memória, por meio de sua narrativa.⁵

Ao recontar a história da família, muitas vezes de modo não linear, esforçando-se por compor uma narrativa com base em suas lembranças e em buscar sua própria identidade, Nael acaba deixando transparecer um elemento bastante interessante sobre si mesmo: a forma como ele vê os gêmeos. A construção dos gêmeos pelo olhar de Nael – na tentativa de encontrar respostas ou conformar-se com elas – constitui o foco deste trabalho, que se valerá da análise pontual de trechos do romance e de uma bibliografia pertinente.

¹ Versos finais – adaptados – do poema *Ser*, de Carlos Drummond de Andrade.

² HATOUM, 2006, p. 13.

³ HATOUM, 2006, p. 10.

⁴ BIRMAN, 2007, p. 225.

⁵ VIDAL FILHO, 2018, p. 159.

Yaqub, o gêmeo bom (?)

Preterido pelo irmão mais novo, o pequeno Yaqub cresce na companhia da criada Domingas, que lhe faz as vezes de mãe. Ferido pelo caçula numa briga, acaba sendo afastado do lar na tentativa paterna de apaziguar os ânimos, enquanto o irmão, responsável pela agressão, permanece na casa da família, visto que a mãe não aceita se separar dele. Marcado por uma experiência negativa no Líbano, país para onde tinha sido enviado – experiência apenas sugerida nas entrelinhas –, Yaqub volta ao lar e se depara com as regalias do irmão, que ocupava todo o espaço da casa. Esforçado, determinado, porém isolado da família, Yaqub é como um objeto decorativo da casa de Zana e Halim: é exibido com orgulho, mas nada carrega daqueles a quem, aparentemente, pertence – ou, pelo menos, assim prefere pensar. Essa composição facilmente desperta pena naqueles que veem o primogênito, mal ajustado na casa, sentindo-se sem lar. As memórias de Domingas e Halim, transmitidas pela voz de Nael, ajudam a conceber uma cena de fracasso familiar com o garoto que, ainda pequeno, “não entendia por que Zana não ralhava com o Caçula, e não entendeu por que ele, e não o irmão, viajou para o Líbano”⁶.

Nael, entretanto, com o distanciamento temporal que o caracteriza como um narrador de memórias, conhece o final da história. O menino silencioso, o gênio escolar, o ídolo que desfilou fardado pelas ruas de Manaus na celebração da Independência, revelou-se – talvez como produto de sua trajetória, numa leitura determinista – menos assemelhado a um cordeiro sofredor do que a um lobo que espreita a presa. A lembrança da foto que ele envia aos pais, após ter se mudado para São Paulo, dá pistas a Nael desse traço de Yaqub:

“Como está diferente daquele montanhês que vi no Rio”, comentou Halim, mirando a imagem do filho. “O montanhês é o teu filho, disse Zana. “O meu é outro, é este futuro doutor em frente do Teatro Municipal”. Um outro Yaqub, usando a máscara do que havia de mais moderno no outro lado do Brasil. Ele se sofisticava, preparando-se para dar o bote: minhoca que se quer serpente, algo assim. Conseguiu. Deslizou em silêncio sob a folhagem. Por fora era realmente outro. Por dentro, um mistério e tanto.

7

A personalidade de Yaqub é, sem dúvidas, fortemente marcada por suas experiências familiares, mas uma leitura maniqueísta dos gêmeos e mesmo das ações de cada um não é adequada à narrativa de Nael⁸. Ainda que por vezes ele pareça tomar partido do mais velho nos acontecimentos relatados, o que “pode ser explicado em razão do ódio e do temor da possibilidade de ser filho de Omar”⁹, sabe-se que ao cabo da relação com os irmãos-pais – no tempo presente em que se dedica a narrar as suas memórias –, Nael deixa claro querer se distanciar da figura do primogênito tanto quanto da do caçula:

Lembrava – ainda me lembro – dos poucos momentos em que eu e Yaqub estivemos juntos, da presença dele no meu quarto, quando adoeci. Mas bem antes de sua morte, há uns cinco ou seis anos, *a vontade de me distanciar dos dois irmãos* foi muito mais forte do que essas lembranças.¹⁰

Nael sabe parte da história dos dois, com base nos relatos que ouve, e percebe a diferença no tratamento dado a cada um, mas oferece ao leitor um Yaqub nem herói, nem vilão. Nas nuances da personalidade que vê e relata, percebe-se um garoto que carrega seus traumas, “o ruído de sua vida. Yaqub encurralado parecia mais humano, ou menos perfeito, mais

⁶ HATOUM, 2006, p. 17.

⁷ HATOUM, 2006, p. 45.

⁸ PERRONE-MOISÉS, 2000.

⁹ CAMARGO; SILVA, 2018, p. 355.

¹⁰ HATOUM, 2006, p. 196 (grifo próprio).

inacabado”¹¹. Contudo, o frágil menino, escondido atrás da construção de si como perfeito, faz desse ruído força e motor para seus planos que, se parecem uma tentativa de libertação da família, levando-o a se mudar para o outro lado do país, são na verdade profundamente dependentes da necessidade ou até mesmo da vontade de aniquilação de seu *outro*: o irmão.

Omar, o gêmeo mau (?)

Protegido pela mãe, devido à doença que o acometeu nos primeiros dias de vida, Omar cresce cheio de regalias. Predileto, vive agarrado à saia de Zana e invade a cama de Halim nas horas de sesta. Sempre favorecido, fica em casa enquanto o irmão é enviado para outro continente. Espontâneo, pomposo, Omar procura ocupar o espaço deixado pela sombra do irmão com suas irreverências e seu mau comportamento, o que gera constantes discussões nas quais a mãe, como juíza parcial, sempre o absolve tal qual um injusto acusado. Vítima, não da doença, mas do excesso de cura, o caçula reina absoluto, no entanto, tem sempre atrás de si o vulto do irmão.

Omar era presente demais: seu corpo estava ali, dormindo no alpendre. O corpo participava de um jogo entre a inércia da ressaca e a euforia da farra noturna. [...] mangava as fotografias [do irmão] expostas na sala. “Um lesão com pinta de importante”, ele dizia, e com uma voz tão parecida com a do irmão que Domingas, assustada, procurava na sala um Yaqub de carne e osso. A mesma voz, a mesma inflexão. Na minha mente, a imagem de Yaqub era desenhada pelo corpo e pela voz de Omar. Neste habitavam os gêmeos, porque Omar sempre esteve por ali, expandindo sua presença na casa para apagar a existência de Yaqub [...] Mas a lembrança de Yaqub triunfava.¹²

Se em relação a Yaqub, por vezes, a narração de Nael pode soar condescendente, no que se refere a Omar a raiva e o desprezo são explícitos o tempo todo. Muito em função da convivência diária, os excessos do caçula incomodam mais o narrador, que o vê o tempo todo sendo acobertado pela mãe, cuidado pela irmã e mesmo servido por Domingas. É Halim o único que talvez nutra por Omar sentimento parecido ao de Nael, na sua constante sensação de que o filho nasceu para intrometer-se no seu casamento. Tanto compartilham a repulsa pelo caçula que quando, num acesso de fúria, Halim dá um tapa no rosto de Omar e o acorrenta a um cofre, Nael parece satisfeito com a cena.

[Halim] bateu no rosto do filho e foi embora. Só voltou para casa dois dias depois. Durante as duas noites de cativo, ouvíamos os urros de Omar, o ruído dos pontapés inúteis no cofre maciço, o tilintar grave das argolas de ferro. Bastava um maçarico para libertá-lo, mas ninguém pensou nisso, muito menos eu que desconhecía a existência dos maçaricos e *só pensava, vagamente, em vingança. Mas vingar-me de quem?*¹³

O filho boêmio, amante do prazer e inconsequente, nem com o extremo da atitude paterna muda seu comportamento. Há momentos em que mesmo com a mãe surgem conflitos e, enfim, Halim decide enviar o caçula para morar com o irmão mais velho, em São Paulo. A experiência também não funciona: Omar estava destinado a ser um fracasso, frustrou qualquer expectativa familiar em relação a uma mudança de conduta e reforçou sua posição num extremo oposto aos modos do irmão.

Em Nael a aversão ao filho mais novo de Zana e Halim só se solidifica com o passar dos anos: “eu não suportava o Caçula, tudo o que via e sentia, tudo o que Halim havia me

¹¹ HATOUM, 2006, p. 89.

¹² HATOUM, 2006, p. 46.

¹³ HATOUM, 2006, p. 69 (grifo próprio).

contado bastava para me fazer detestar o Omar”¹⁴. O encontro final entre os dois revela um desejo por reparação que se mostra inútil: “Um homem de meia-idade, o caçula. E já quase velho. Ele me encarou. Eu esperei. Queria que ele confessasse a desonra, a humilhação. Uma palavra bastava, uma só. O perdão”¹⁵. Ainda que provavelmente não mudasse a relação entre o narrador e Omar, a expectativa por um arrependimento – principalmente pelo estupro de Domingas – pode ser fruto da esperança de que o caçula tivesse, em si, algo de correto. Só assim seria possível a Nael não desprezar tanto a figura daquele que poderia ser seu pai.

O ódio pelo caçula parece justificado, mas a pergunta final que Nael se faz, após relatar o acorrentamento de Omar – *Mas vingar-me de quem?* –, revela uma característica do próprio narrador: a raiva motivada pelo seu sentimento de não-pertencimento, de seu lugar estranho na família, que o faz estar dentro e fora dela, sabendo ser neto de Halim, mas desconhecendo quem é seu pai. Isso desencadeia em Nael uma angústia e uma fúria que por vezes desembocam no personagem mais óbvio, mas que talvez não tenham a origem só nele ele.

Nael, filho de alguém

Camargo e Silva defendem que:

O narrador de *Dois irmãos*, situado de forma pungente a partir de um ponto de vista determinado, tem, no entanto, uma característica peculiar, que se refere ao fato de que Nael, aparentemente, nem é o protagonista da sua narrativa, nem é um mero observador, ele está entre as duas coisas e é as duas coisas ao mesmo tempo.¹⁶

Contar sua história, numa história que não é a sua – o título do romance já adianta quem são os protagonistas –, marca profundamente o narrador, que tem em mente que aquela *deveria* ser a sua história. Foram Halim e Zana, afinal, que trouxeram Domingas para casa e, fazendo dela uma espécie de agregada, sujeitaram-na a cuidar de Yaqub, o que criou uma intimidade que culminou num encontro sexual. Os mesmos padrões, por outro lado, consentiram com os excessos de Omar, possibilitando que ocorresse a violência sexual. Há, ainda, uma terceira possibilidade sugerida, a de que Halim também tivesse se deitado com Domingas. Em qualquer um dos cenários, no entanto, nenhuma resposta sobre a identidade do seu pai é fornecida a Nael – ou, ao menos, ele se recusa a retomá-las em suas lembranças, numa espécie de apagamento voluntário. A questão latente desemboca na angústia que ele compartilha com o leitor, sobre as incertezas a respeito do seu pai, e nas memórias da família que ele sabe ser sua, mas a quem não foi dado o direito de pertencer.

Nael enfrentou o drama de sua vida (a ignorância sobre a identidade de seu pai), debatendo-se com a inexistência de um solo fundador e criando um eu capaz de interpretar seu passado de submissão e invisibilidade com os olhos críticos de quem desnaturalizou o mundo que o constituiu e, conseqüentemente, a si mesmo.¹⁷

Descrevendo sempre a partir da incerteza sobre si mesmo as características de Yaqub e Omar – suas trajetórias, suas condutas – vão sendo apresentadas por Nael e mescladas ao longo da narrativa. Pode-se imaginar, segundo suas reflexões, que assim como quando, já adulto e professor, começa a organizar os textos de Antenor Laval e as conversas com Halim, essa forma

¹⁴ HATOUM, 2006, p. 152.

¹⁵ HATOUM, 2006, p. 198.

¹⁶ CAMARGO; SILVA, 2018, p. 355.

¹⁷ BIRMAN, 2007, p. 198.

de relatar agrade ao narrador: “ Ia de um para o outro, e essa alternância – o jogo de lembranças e esquecimentos – me dava prazer”¹⁸.

Ora o relato se concentra em Yaqub retornando do Líbano e lembrando do que fora sua casa, quadro que é preenchido com as histórias que Domingas contava sobre os gêmeos, sobre a briga, sobre a cicatriz. Ora é o caçula, preferido da mãe, que é expulso do colégio por seu repreensível comportamento, enquanto o filho mais velho é elogiado e alça voos acadêmicos. Há ainda Rânia, que abraçava o mais novo e beijava a foto do irmão que estava ausente e, no universo de relações confusas da família, só cogitava aceitar um marido que correspondesse à condição capital: “Observa o meu irmão Omar; agora olha bem para a fotografia do meu querido Yaqub. Mistura os dois, e da mistura sairá meu noivo”¹⁹.

Intercalam-se as considerações sobre ambos, misturadas também às confissões, ao final carregadas de melancolia e exaustão, que Nael obtém de Halim. Essa constante composição pode representar o esforço do narrador para equilibrar a narrativa, já que “por caminhos opostos, o do trabalho desenvolvimentista ou o do ócio macunaímico, Yaqub e Omar chegam à infelicidade pessoal”²⁰. Pode também ser um esforço para equilibrar a si mesmo em relação aos relatos e, no equilíbrio, encontrar uma solução satisfatória para o grande enigma, esforço que será falho, já que a resposta que procura não lhe é dada (ou não o agrada, a ponto de não ser revelada explicitamente em suas memórias).

No romance todo, Nael é uma espécie de catalisador das visões de outros sobre os gêmeos²¹. Essa função contribui para justificar parte do ódio por Omar e de uma idealização em relação a Yaqub, constantemente presentes na busca da revelação de sua paternidade:

Nael tenta descobrir os afetos de sua mãe pelos gêmeos e, a partir disso, chegar à verdade sobre seu pai, porém não consegue decidir-se quanto ao par Domingas-Yaqub [...] Tampouco consegue decidir-se a propósito do par Domingas-Omar [...] Em sua análise, Nael não pôde distanciar-se sobre de quem seria filho. Sua interpretação dos comportamentos do triângulo Yaqub-Domingas-Omar não é isenta de seu desejo, mesmo sem conhecê-lo de modo claro [...] A oposição entre os gêmeos e a incerteza de Nael quanto à paternidade, que culmina na bipolarização, espelham-se. Por outro lado, há o movimento de Domingas e Nael quererem o irmão mais cuidadoso, gentil, o que contrariamente poderia levá-los ao gêmeo errado, uma vez que a concepção fora violenta. Mãe e filho parecem advogar a favor de Yaqub. Domingas, numa espécie de desejo cego, pois para ela não era segredo.²²

Mas se durante o romance há uma tentativa de encontrar-se em Yaqub, ao final, o filho sem pai, já consumido naquela busca, mostra um pouco do que, pela experiência naquela família, acabou sendo levado a pensar daqueles dois irmãos.

Nael, herdeiro de uma mágoa

No presente da narrativa, momento em que Nael tenta organizar suas lembranças, o desfecho da trama relatada já é conhecido: Halim e Domingas estão mortos; Zana também se foi, aflita se os filhos tinham feito as pazes; mesmo Rânia, com quem o narrador viveu um curto momento de prazer, já se tornou passado na vida dele; e, principalmente, os gêmeos permaneceram separados: Yaqub morreu em São Paulo, Omar, após deixar a cadeia, vive em algum lugar da cidade – de certa forma, também morto para o narrador. É um homem ressentido que rememora seu passado e tenta recontar aquela história.

¹⁸ HATOUM, 2006, p. 197.

¹⁹ HATOUM, 2006, p. 73.

²⁰ PERRONE-MOISÉS, 2000.

²¹ VIDAL FILHO, 2018, p. 179.

²² VIDAL FILHO, 2018, p. 180-181.

É um sujeito que sai de seu esconderijo em busca de uma identificação por não saber quem de fato é seu pai. Sujeito fragilizado, junta nos cacos do passado a verdade escondida e dissimulada por todos da casa. O empenho em descobrir a verdade, após trinta anos, quando quase todos já estão mortos, motiva-o a olhar para e nas sombras de cada um da casa e questionar o seu “eu”.²³

O efeito que essa busca penosa gera é até previsível: ao fim, o que Nael assume verdadeiramente desejar consiste em esquecer aquela família e distanciar-se daquela história que, de fato, nunca foi sua. É esse sujeito, herdeiro de uma mágoa, que caracterizou todos os excessos do caçula e a meticulosidade do mais velho. É ele quem, ouvindo as histórias que Halim e Domingas lhe contavam, retoma-as na memória no esforço de narrar.

Nesse sentido, ele expressa a dimensão de *relato de outros relatos* de seu romance e a faceta construtiva e recriadora de sua tarefa. E ao reunir fragmentos e pedaços de histórias, ele também não formará um mosaico completo, pois certos mistérios do livro não serão esclarecidos.²⁴

O próprio Nael, chegando ao final do relato, momento em que se vê sem nenhuma resposta para sua grande dúvida, confessa – ou tenta convencer-se de – já não se importar mais com ela e não querer ser filho de nenhum dos dois irmãos, rompendo com aquela família:

A loucura e a paixão de Omar, suas atitudes desmesuradas contra tudo e todos neste mundo não foram menos danosas do que os projetos de Yaqub: o perigo e a sordidez de sua ambição calculada. Meus sentimentos de perda pertencem aos mortos. Halim e minha mãe. Hoje, penso: sou e não sou filho de Yaqub, e talvez ele tenha compartilhado comigo essa dúvida. O que Halim havia desejado com tanto ardor, os dois irmãos realizaram: nenhum teve filhos. Alguns dos nossos desejos só se cumprem no outro, os pesadelos pertencem a nós mesmos.²⁵

O romance se encerra com o mistério não revelado ao leitor e com um narrador exausto daquela família e daquela busca, eterno desejo de resposta que, não realizado, assombra-o como um pesadelo. Para Vidal Filho, “nenhum outro personagem do romance dependia tanto quanto Nael do *herdar para ser* [...] a herança de Nael é o espólio humano da família, seus conflitos e afetos, atravessamentos, memórias, esquecimentos e imagens”²⁶. É esse narrador um tanto quanto frustrado – pois carrega consigo o legado daquela família sem, contudo, saber seu exato papel nela – que foi o responsável por descrever, entre outras coisas, aqueles dois irmãos a partir de suas lembranças e daquelas de outros personagens. É assim que Nael, na tentativa de recuperar fragmentos que respondessem às perguntas sobre sua própria história naquela espécie de testamento oral, ao mesmo tempo em que, pela afirmação de não-identificação, rompe simbolicamente com o legado de seus possíveis pais.

Referências

- HATOUM, M. (2006). Dois irmãos. São Paulo: Companhia das Letras.
BIRMAN, D. (2007). “Entre-narrar: Relatos da fronteira em Milton Hatoum”. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro.
CAMARGO, F. P.; SILVA, A. B. (2018). “Identidades fraturadas: variações do duplo em Dois Irmãos, de Milton Hatoum”. *Signótica*, Goiânia, V. 30, n. 3; p. 346-364. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/51087/26146>. Acesso em: 22 dez.2020.

²³ LOURO, 20015, p. 157.

²⁴ BIRMAN, 2007, p. 207.

²⁵ HATOUM, 2006, p. 196.

²⁶ VIDAL FILHO, 2018, p. 190-191.

- LOURO, F. L. S. (2015). “Nael, sujeito emblemático do romance Dois irmãos de Milton Hatoum”. Somanlu, revista de estudos amazônicos. Manaus, ano 15, n. 2; p. 151-175. Disponível em: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/somanlu/article/view/3996/3402>. Acesso em 22 dez.2020.
- PERRONE-MOISÉS, L. (2000). “A cidade flutuante”. Jornal de Resenhas - Folha de S. Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/resenha/rs1208200011.htm>. Acesso em 05 jan. 2021.
- VIDAL FILHO, E. (2018). “Nael, herdeiro testamentário: a terceira margem da gemelidade em Dois irmãos, de Milton Hatoum”. Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea, Rio de Janeiro. V.10, n.20; p.157-195. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/flbc/article/view/22861/14139>. Acesso em 22 dez. 2020.